URSULA WOLF

A *Ética a Nicômaco* de Aristóteles

TRADUÇÃO
Enio Paulo Giachini

Edições Loyola

Título original:
Aristoteles' "Nikomachische Ethik"
© 2ª edition 2007 by WBG (Wissenschaftliche Buchgesellschaft), Darmstadt
Hindeburgstrasse 40, 64295 Darmstadt, Germany
ISBN 978-3-534-20824-1

COLEÇÃO ARISTOTÉLICA

Diretor: Marcelo Perine (PUC-SP)

Conselho Editorial
Fernando Rey Puente (UFMG)
Fernando Santoro (UFRJ)
Lucas Angioni (UNICAMP)
Maurilio Camello (UNITAU)
Miguel Spinelli (UFSM)

Preparação: Maurício Balthazar Leal
Revisão: Renato da Rocha e Marcelo Perine
Projeto Gráfico: Maurélio Barbosa
Capa: Viviane Bueno

Edições Loyola
Rua 1822, 341 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
T 55 11 3385 8500
F 55 11 2063 4275
editorial@loyola.com.br
vendas@loyola.com.br
www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-15-03699-8
© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2010

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO PRIMEIRO

O bem para o homem (Livro 1) 19

CAPÍTULO SEGUNDO

O método ético 55

CAPÍTULO TERCEIRO

A *arete* ética (II–IV 15) 65

CAPÍTULO QUARTO

A Justiça (Livro V) 93

CAPÍTULO QUINTO

Hekousion e *proairesis* 117

CAPÍTULO SEXTO

Phronesis (Livro VI) 143

CAPÍTULO SÉTIMO

Falta de domínio (*akrasia*) (VII 1–11) 169

CAPÍTULO OITAVO

Os tratados sobre o prazer (VII 12–15, X 1–5) 197

CAPÍTULO NONO

Amizade (VIII e IX) 223

CAPÍTULO DÉCIMO

Os dois tipos de *eudaimonia* (X 6–9) 251

CONCORDÂNCIA DAS EQUIVALÊNCIAS DE TRADUÇÃO 269

REFERÊNCIAS 275

ÍNDICE ANALÍTICO 283

1. PANO DE FUNDO DO PROBLEMA

Estamos diante de um texto de ética. Em nosso idioma, o uso da palavra "ética" não é unívoco. Às vezes designa a teoria da moral, a filosofia moral, em contraposição a uma moral de conteúdo determinado, ao ponto de vista moral de uma pessoa ou de uma sociedade. Mas nesse nível que diz respeito ao conteúdo o termo pode também referir-se (e assim deverá ser empregado a seguir) a um ponto de vista ético em distinção de um ponto de vista moral. Assim compreendida, a ética refere-se ao bem, desenvolve representações do bem viver e do bem agir, ao passo que o ponto de empuxo da moral representa o que é devido, as normas sociais. Em seu conteúdo principal, a filosofia prática hodierna é uma filosofia moral, enquanto Aristóteles escreve uma ética no sentido de uma doutrina do bem viver.

Com muita frequência, hoje, costuma-se tratar a moral como se fosse uma parte da ética. Também é comum imaginar que a filosofia antiga ainda não distinguia ética de moral, não considerava a moral um âmbito separado da ética. Todavia, os gregos dispunham de conceitos para expressar o que compreendemos por moral em sentido estrito. A *Ética a Nicômaco* contém um livro sobre justiça, e os conceitos de *correto*, *conveniente*, *devido* desempenham uma função importante na ética aristotélica, mesmo não sendo instituídos nitidamente num âmbito da teoria moral. Isso se deve ao fato de que Aristóteles considera que a investigação

do caráter não se constitui numa disciplina autônoma, mas faz parte da teoria política ou da ciência social[1], hoje cada vez mais deslocadas da filosofa.

Como se chega a essas divisões e perspectivas distintas tanto na Antiguidade como hoje fica claro quando consideramos brevemente a evolução histórica, que desemboca na diferenciação de determinadas questões. Nas sociedades tradicionais ainda não se faz distinção entre ética e moral; as normas sociais estendem-se tanto ao agir inter-humano e político quanto ao modo como cada um pauta sua vida. Essas normas são extraídas de um valor universal último, que cria identidade tanto para o grupo como para o indivíduo e que se funda no mito.

Para os gregos do tempo arcaico, dos séculos VIII e VII a.C., o ideal a ser perseguido é o ideal do herói; trata-se ali do ideal de uma vida correta enquanto indivíduo, mas que é igualmente social. É bom e vive bem quem tem descendência nobre, quem é rico, belo e bravo guerreiro. Em sua introdução à ética aristotélica, Urmson chama a atenção para o fato de que esse ideal aristocrático-heroico continua como pano de fundo no pensamento de Platão (427-347 a.C.) e de Aristóteles (384-322 a.C.), e que o ser-bom implica sempre ainda: ser digno de inveja[2]. Com o surgimento da pólis, todavia, esse ideal aristocrático é afastado (a partir do fim do século VI a.C.), uma vez que *o* valor central da ética passa a ser o engajamento na sociedade. O bem derradeiro é agora o cosmos, o todo bem ordenado, ao qual é preciso adequar-se. Compreende-se ali que as regras dessa ordenação são prescritas pelos deuses, de modo que possuem a mesma necessidade que as leis da natureza. No século VI começa na Grécia um movimento de iluminismo que acaba por se impor largamente no século V. É sustentado pelos sofistas (Protágoras, Górgias, Hípias, entre outros), que com suas questões superam as normas da tradição, apontando que aquelas normas foram criadas pelos próprios homens e por isso podem muito bem ser por eles modificadas ou eliminadas.

Essa introvisão caracteriza todos os movimentos de iluminismo, entre os quais, de outro ponto de vista, encontramos acentuadas diferenças. Para poder compreender o iluminismo grego e suas consequências políticas e filosóficas, devemos ter claro que aqui faltam tanto o otimista entusiasmo de ruptura, que marca o começo do iluminismo moderno, como a crença de que todos os homens são racionalmente iguais. O problema de como é possível dar-se uma vida indi-

1. Ross (1995, p. 195) sugere que esse último termo é mais conveniente para o caso.

2. Urmson 1988, p. 1 s. Esse livro se presta muito bem para uma breve introdução ao texto. Algumas explicitações da EN recomendáveis são ademais: Hardie 1980; Broadie 1991; Bostock 2000; Hughes 2001. Para a introdução ao pensamento de Aristóteles, em geral: Ross 1995 (primeiramente, 1923); Guthrie 1981; Barnes 1982; Höffe 1996.

vidual e coletiva pautada pelo bem, depois de questionar a proveniência e em parte dissolver os costumes da tradição, mostra ser aqui uma questão ainda mais radical, por assim dizer, em sua forma pura. Se renunciarmos à crença em valores fundamentados no mito ou firmados pela tradição, sem que esses sejam substituídos por ideais enfáticos da razão e da igualdade, então sobram apenas as razões comuns do agir humano, a aspiração à felicidade, ao modo da aspiração ao prazer e ao poder, a busca do agradável ou do proveito próprio[3]. Todavia, mesmo essas razões contêm para os gregos um aspecto político ou social. Pertence à essência do homem viver na pólis, do mesmo modo que, por seu lado, a pólis tem a incumbência de garantir uma vida comunitária e individual boa. Quem procura o poder e o prazer apenas para si é o tirano, que submete a totalidade do Estado a seus próprios objetivos. O que Platão e Aristóteles contestam não é que o tirano não quer respeitar o direito dos outros a ter igualmente poder e prazer, mas que seu comportamento se choca contra sua própria natureza e a natureza da pólis, e com isso sua concepção de vida está condenada ao fracasso, tendo como consequência sua própria infelicidade. Esse apelo à natureza do homem é importante sobretudo para Aristóteles, que descende de uma velha família de médicos e traz para dentro da filosofia um forte direcionamento empírico[4].

Enquanto o interesse hodierno pela ética da Antiguidade provém de problemas da filosofia moral, a situação dos problemas antigos era outra. Sócrates

CAPÍTULO PRIMEIRO

O bem para o homem (Livro 1)

Embora a ética seja a teoria do agir correto ou do bom caráter, é só a *Magna moralia* que começa imediatamente com essa questão:

> E, uma vez que nos propusemos falar de coisas ligadas ao caráter, antes disso precisamos ver a que âmbito pertence o caráter. Para resumir, o caráter é simplesmente uma parte da política, pois não é possível tratar de assuntos de Estado quando não se tem um certo tipo de compleição, a saber, quando não se é bom. Mas ser bom significa possuir as *aretai*. Por isso, se quisermos tratar dos assuntos de Estado com sucesso, será preciso possuir um bom caráter. Tratar do caráter, portanto, parece ser um ramo e o ponto de partida da política. E em seu conjunto parece-me que esse objeto não deveria ser chamado de ética, mas deveria ser chamado com mais propriedade de política (MM 1181a24 ss.).

A *Ética a Eudemo* e a *Ética a Nicômaco* só chegam a esse tema depois de alguns passos intermediários[1]. A EE começa com a indicação de que a *eudaimonia* (fortuna, ventura) é o que há de mais belo, de melhor e de mais agradável, perguntando em que consiste a *eudaimonia* e como pode ser alcançada. O começo da EN

Edição completa das obras de Aristóteles:
BEKKER, I. (1831-1870). Berlin; reimpr.: Berlin/New York, 1960-1987.

Traduções completas:
BARNES, J. (ed.) (1984). *The Complete Works of Aristotle*: The Revised Oxford Translation. Princeton (N.J.).
FLASCHAR, H. (hrsg.) (1956 ss.). *Aristoteles, Werke in deutscher Übersetzung*. Berlin.

Edição grega da EN utilizada:
BYWATER, I. (1894). Oxford; reimpr. 1954, 1962, 1970.

A. INTRODUÇÕES GERAIS À FILOSOFIA DE ARISTÓTELES

ACKRILL, J. L. (1985). *Aristotle* – The Philosopher. Oxford, 1981; ed. al.: *Aristoteles*. Eine Einführung in sein Philosophieren. Berlin/New York.
ALLAN, D. J. (1952). *The Philosophy of Aristotle*. Oxford; et. al. (1955): *Die Philosophie des Aristoteles*, Hamburg.
BARNES, J. (1982). *Aristotle*. Oxford; et. al. (1992): *Aristoteles*. Eine Einführung. Stuttgart.
BARNES, J. (ed.) (1995). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge.
BUCHLHEIM. Th. (1999). *Aristoteles*. Freiburg i. Br.
DÜRING, I. (1966). *Aristoteles*. Darstellung und Interpretation seines Denkens. Heidelberg.
FLASHAR, H. (1983). Aristoteles. In: _____ (ed.). *Grundriss der Geschichte der Philosophie*. Die philosophie der Antike. Basel, v. 3, p. 175-457.
GUTHRIE, W. K. C. (1981). *Aristotle: an encounter*. Cambridge (*A History of Greek Philosophy VI*).
HÖFFE, O. (1996). *Aristoteles*. München.
RAPP, Ch. (2001). *Aristoteles zur Einführung*. Hamburg.
RICKEN, F. (1996). Aristoteles. In: RICKEN, F. (ed.). *Philosophen der Antike* I. Stuttgart.
ROSS, W. D. ([6]1995 [[1]1923]). *Aristotle*. London.

B. TRADUÇÕES [T] E COMENTÁRIOS [C] SOBRE OS ESCRITOS ÉTICOS

ACKRILL, J. (1973). *Aristotle's Ethics* [T e C (Excerto)]. London.
BIEN, G. (ed.) ([4]1985). *Aristoteles*, *Nikomaichische Ethik* [T: E. Rolfes]. Hamburg.
CRISP. R. (ed.) (2000). *Aristotle*, *Nicomachean Ethics* [T]. Cambridge.
DIRLMEIER, F. (1956). Aristoteles. *Nikomachische Ethik* [T e C]. In: GRUMACH, E. (ed.). *Aristoteles Werke*, Berlin, v. 6.
_____. (1958). Aristoteles, *Magna moralia* [T e C]. In: GRUMACH, E. (ed.). *Aristoteles Werke*. Berlin, v. 8.
_____. (1962). Aristoteles, *Eudemische Ethik* [T e C]. In: GRUMACH, E. (ed.). *Aristoteles Werke*. Berlin, v. 7.
GADAMER, H.-G. (1998). *Aristoteles, Nikomachische Ethik* VI [T]. Frankfurt a.M.
GAUTHIER, R. A., JOLIF, J. Y. ([2]1970). *L'Ethique à Nicomaque* [T: Gauthier; C: Jolif]. Louvain/Paris.
GIGON, O. (ed.) ([2]1972). *Aristoteles, Nikomachische Ethik* [T]. München.
IRWIN, T. (ed.) (1985). *Aristotle, Nicomachean Ethics* [T]. Indianapolis.
JOACHIM, H. H. (1951). *The Nicomachean Ethics* [C]. Oxford.
KULLMANN, W. (ed.) (1994). *Aristoteles, Politik* [T e notas: F. Susemihl, notas complement.: W. Kullmann]. Reinbek.
PAKALUK, M. (1998). *Aristotle, Nicomachean Ethics*, Books VIII and IX [T e C]. Oxford.
RACKHAM, H. (1975). *Aristotle, The Nicomachean Ethics* [T e C]. Cambridge/London.
ROSS, W. D. (1984). Aristotle, *Nicomachean Ethics*. [T com reelabor.: Urmson]. In: BARNES (ed.) 1984, v. II, p. 1729-1867.
SCHMIDT, E. A. (1969). Anmerkungen. In: Aristoteles, *Nikomachische Ethik* (T: Dirlmeier 1956). Stuttgart.
THOMPSON, J. A. K. (1976). *The Ethics of Aristotle*. London.
WELLDON, J. E. C. (1987). *Aristotle, The Nicomachean Ethics* [T]. Amherst.
WOLF, U. (ed.) (2006). *Aristoteles*, *Nikomachische Ethic*. [T e notas]. Reinbek.
WOODS, M. (1982). *Aristotle, Eudemian Ethics*. Books I, II and VIII. [T e C]. Oxford.

C. EXPLANAÇÕES COMPLETAS DA EN

BOSTOCK, D. (2000). *Aristotle's Ethics*. Oxford.
BROADIE, S. (1991). *Ethics with Aristotle*. Oxford.
CLARK, St. (1975). *Aristotle's Man*. Oxford.
GAUTHIER, R. A. (1972) Die Komposition der Nikomachischen Ethik. In: HAGER, 285-312.
HARDIE, W. F. R. ([2]1980). *Aristotle's Ethical Theory*. Oxford.
HUGHES, G. J. (2001). *Aristotle on Ethics*. London.
KENNY, A. (1978). *The Aristotelian Ethics*. Oxford.
REEVE, C. D. C. (1995). *Practices of Reason*. Aristotle's Nicomachean Ethics. Oxford.
TESSITORE, A. (1996). *Reading Aristotle's Ethics*. Virtue, Rhetoric, and Political Philosophy. Albany.
URMSON, J. O. (1988). *Aristotle's Ethics*. Oxford.

D. VOLUMES COMPLETOS

ANTON, J. P., PREUS, A. (ed.) (1991). *Essays in Ancient Greek Philosophy IV*: Aristotle's Ethics. Albany (N.Y.).
BAMBROUGH, R. (ed.) (1965). *New Essays on Plato and Aristotle*. London.
BARNES, J. (ed.) (1995). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge/New York.
BARNES, J., SCHOFIEL, M., SORABJI, R. (ed.) (1977). *Articles on Aristotle*. London, v. 2.
BLUMENTHAL, H., ROBINSON, H. (ed.) (1991). *Aristotle and the Later Tradition*. Oxford (Oxford Studies in Ancient Philosophy, vol. suppl.).
BOSLEY, R., SHINER, R. A., SISSON, J. D. (ed.) (1996). *Aristotle, Virtue and the Mean*. Edmonton.
BUCHHEIM, T., FLASHAR, H., KING, A. H. (ed.) (2003). *Kann man heute noch etwas anfangen mit Aristoteles*. Darmstadt.
EVERSON, St. (ed.) (1998a). *Companions to Ancient Thought*. Cambridge. v. 4: *Ethics*.
GENTZLER, J. (1998). *Method in Ancient Philosophy*. Oxford.
HAGER, F. P. (ed.) (1972). *Ethik und Politik des Aristoteles*, Darmstadt.
HEINAMAN, R. (ed.) (1995). *Aristotle and Moral Realism*. London.
HÖFFE, O. (ed.) (1995). *Aristoteles, Die Nikomachische Ethik*. Berlin.
IRWIN, T. (ed.) (1995). *Aristotle's Ethics*. New York/London (Classical Philosophy 5).
MORAVCSIK, J. M. E. (ed.) (1968). *Aristotle*, London.
OKSENBERG-RORTY, A. (ed.) (1980). *Essays on Aristotle's Ethics*. Berkeley.
SIM, M. (ed.) (1995). *The Crossroads of Norm and Nature*: Essays on Aristotle's Ethics and Metaphysics. Langham.
WALSH, J. J., SHAPIRO, H. L. (ed.) (1967). *Aristotle's Ethics*: Issues and Interpretations. Belmont (Calif.).

E. SOBRE OS CAPÍTULOS INDIVIDUALMENTE

I. O bem para o homem

AUSTIN, J. L. (1968). Agathon and Eudaimonia in the Etchics of Aristotle. In: MORAVCSIK, p. 261-296.
BUDDENSIEK, F. (1999). *Die Theorie des Glücks in Aristoteles' Eudemischer Ethik*. Göttingen.
COOPER, J. M. (1985). Aristotle on the Goods of Fortune. *The Philos. Review* 94, 173-196.
_____. (1975). *Reason and Human Good in Aristotle*. London.
ENGBERG-PEDERSEN, T. (1995). For Goodness' Sake: More on Nicomachean Ethics I vii 5. In: IRWIN, p. 17-40.
EVERSON, St. (1998b). Aristotle on Nature and Value. In: EVERSON, p. 77-106.
GÓMEZ-LOBO, A. (1991). The Ergon Inference. In: ANTON, PREUS, p. 43-57.
HALPER, E. (1995). The Substance in Aristotle's Ethics. In: SIM, p. 3-28.
HARDIE, W. F. R. (1968). The Final Good in Aristotle's Ethics. In: MORAVCSIK, p. 297-322.
JACOBI, K. (1979). Aristoteles' Einführung des Begriffs "eudaimonia" in I. Buch der "Nikomachischen Ethik". Eine Antwort auf einige neuere Inkonsistenzkritiken. *Philosophisches Jahrbuch* 86, 300-325.
KENNY, A. (1969). Happiness. In: FEINBERG (ed.). *Moral Concepts*. London, p. 43-52.

_____. (1977). Aristotle on Happiness. In: BARNES, SCHOFIELD, SOROBJI, p. 25-32.
_____. (1992). *Aristotle on the Perfect Life*. Oxford.
_____. (2001). The Nicomachean Conception of Happiness. In: _____. *Essays on the Aristotelian Tradition*. Oxford, p. 17-31.
KRAUT, R. (1989). Aristotle on the human good. Princeton.
PRICHARD, H. A. (1968). The Meaning of *Agathon* in the *Ethics* of Aristotle. In: MORAVCSIK, p. 241-260.
RICKEN, F. (1976). *Der Lustbegriff in der Nikomachischen Ethik des Aristoteles*. Göttingen.
ROCHE, T. D. (1992). In Defense of an Alternative View of the Foundation of Aristotle's moral Theory. *Phronesis* 37, 46-84.
_____. (1995). The Ultimate End of Action. In: SIM, p. 115-138.
SCHNEIDER, W. (2001). *Ousia und Eudaimonia*. Die Verflechtung von Metaphysik und Ethik bei Aristoteles. Berlin.
SIEGLER, F. (1967). Reason, Happines and Goodness. In: WALSH, SHAPIRO, p. 30-46.
STEMMER, P. (1992). Aristoteles' Glücksbegriff in der Nikomachischen Ethik. *Phronesis* 37, 85-110.
STEMMER, P. (2005). Aristoteles' Ergon-Argument in der Nikomachischen Ethik. In: WOLTERS, G., CARRIER, M. (ed.). *Homo Sapiens und Homo Faber*. Epistemische und technische Rationalität in Antike und Gegenwart. Festschrift für Jürgen Mittelstrass. Berlin/New York, p. 65-86.
THEUNISSEN, M. (2000). *Pindar*. Meschenlos und Wende der Zeit. München.
WRIGHT, G. H. v. (1963). *The Varieties of Goodness*. London.
WHITING, J. (1995). Aristotle's Function Argument: A Defense. In: IRWIN, p. 189-204.
WOLF, U. (1999a). *Die Philosophie und die Frage nach dem guten Leben*. Reinbek.

II. O método ético

ANAGNOSTOPOULOS, G. (1994). *Aristotle on the Goals and Exactness of Ethics*. Berkeley.
BARNES, J. (1981). Aristotle and the Methods of Ethics. *Revue Internationale de la Philosophie* 34, 490-511.
DUNNE, J. (1993). *Back to the Rough Ground*: "Phronesis" and "tekhne" in Modern Philosophy and in Aristotle. Notre Dame/London.
HÖFFE, O. (1995). Ethik als praktische Philosophie — Methodische Überlegungen. In: _____, p. 13-38.
IRWIN, J. (1981). Aristotle's Methods of Ethics. In: O'MEARA, p. 193-223.
KRAUT, R. (1998). Aristotle on Method and Moral Education. In: GENTZLER, p. 271-290.
WIELAND, W. ([2]1970). *Die aristotelische Physik*. Göttingen.
WOLF, U. (1996). *Die Suche nach dem guten Leben*. Platons Früdialoge. Reinbek.

III. A *arete* ética

ALLAN, D. J. (1971). The Fine and the Good in the *Eudemian Ethics*. In: MORAUX, P., HARLFINGER, D. (ed.). *Untersuchungen zur Eudemischen Ethik*. Berlin, p. 63-71.
BROWN, L. (1997). What is "the Mean Relative to Us" in Aristotle's "Ethics". *Phronesis* 42, 77-93.
GÓMEZ-LOBO, A. (1996). Aristotle's Right Reason. In: BOSLEY, SHINER, SISSON, p. 15-34.

HARDIE, W. F. R. (1995). Magnanimity in Aristotle's Etchics. In: IRWIN, p. 361-377.
HARTMANN, N. (1957). Die Wertdimensionen der Nikomachischen Ethik. In: _____. *Kleinere Schriften* 2. Berlin, p. 191-214.
HURTHOUSE, R. (1980-1981). A False Doctrine of the Mean. *Proceedings of the Aristotelian Society* 81, 57-72.
HUTCHINSON, D. S. (1986). *The Virtues of Aristotle*. London.
LEIGHTON, S. (1996). The Mean Relative to Us. In: BOSLEY, SCHINER, SISSON, p. 67-78.
OWENS, J. (1981). The KALON in the Aristotelian Ethics. In: O'MEARA, p. 261-277.
PEARS, D. (1980). Courage as a Mean. In: OKSENBERG, RORTY, p. 171-187.
RIEDENAUER, M. (2000). *Orexis und Eupraxia*. Ethikbegründung im Streben bei Aristoteles. Würzburg.
RIPPE, K. P., SCHABER, P. (ed.) (1998). *Tugendethik*. Stuttgart.
ROGERS, K. (1993). Aristotle's Conception of *to Kalon*. *Ancient Philosophy* 13, 355-371.
SCHÜTRUMPF, E. (1989). Magninimity. Megalopsykhia and the System of Aristotle's Ethics. *Archiv für Geschichte der Philosophie* 71, 10-22.
SHERMAN, N. (1988). *The Fabric of Character*. Oxford.
TILES, J. E. (1996). The Practical Import of Aristotle's Doctrine of the Mean. In: BOSLEY, SHINER, SISSON, p. 1-14.
TUGENDHAT, E. (1993). *Vorlesungen über Ethik*. Frankfrut, a.M.
URMSON, J. O. (1980). Aristotle's Docrine of the Mean. In: OKSENBERG-RORTY, p. 157-170.
WOLF, U. (1995). Über den Sinn der aristotelischen Mesoteslehre. In: HÖFFE, p. 83-108.
_____. (1999c). Tugend und Glück. Was Platon und Aristoteles lehren. In: STÄBLEIN, R. (ed.). *Glück und Gerechtigkeit*. Moral am Ende des 20.Jahrhunderts. Frankfurt a.M., p. 27-40.
YOUNG, Ch. M. (1988). Aristotle on Temperance. *Philosophical Review* 97, 521-542.

IV. A Justiça

ADKINS, A. W. H. (1991). The Connection Between Aristotle's Ethics and Politcs. In: KEYT, D. MILLER, F. D. (ed.). *A Companion to Aristotle's Politics*. Oxford, p. 75-93.
AUBENQUE, P. (1995). The Twofold Natural Foundation of Justice According to Aristotle. In: HEINAMAN, p. 35-47.
BAMBROUGH, R. (1965). Aristotle on Justice: A Paradigm of Philosophy. In: _____, p. 159-174.
BIEN, G. (1995). Gerechtigkeit bei Aristoteles. In: HÖFFE, p. 135-164.
BLEICKEN, J. ([4]1995). *Die Athenische Demokratie*. Paderborn.
CASTORIADIS, C. (1981). Wert, Gleichheit, Gerechtigkeit, Politik. Von Marx zu Aristoteles und von Aristoteles zu uns. In: _____. *Durchs Labyrinth*. Seele, Vernunft, Gesellschaft. Frankfurt a.M., p. 221-276.
FECHNER, H. A. (1855). *Über den Gerechtigkeitsbegriff des Aristoteles*. Leipzig.
GIGON, O. (1971). *Aristoteles Politik, übersetzt und kommentiert*. Zürich.
HENTSCHKE, A. B. (1971). *Politik und Philosophie bei Plato und Aristoteles*. Frankfurt.
KULLMANN, W. (1994). *Aristoteles, Politik*. Reinbek.

MARX, K. (1972). *Das Kapital*. Frankfurt a.M., v. 1.
MEIER, Ch. (1970). *Die Entstehung des Begriffs Demokratie*. Frankfurt.
NEWMAN, W. L. (1973). *The Politics of Aristotle*. Oxford. 4 v.
SALOMON, M. (1937). *Der Begriff der Gerechtigkeit bei Aristoteles*. Leiden.
SCALTSAS, Th. (1995). Reciprocal Justice in Aristotle's Nicomachean Ethics. *Archiv für Geschichte der Philosophie* 77, 248-262.
TRUDE, P. (1955). *Der Begriff der Gerechtigkeit in der aristotelischen Rechts- und Staatsphilosophie*. Berlin.
VON LEYDEN, W. (1985). *Aristotle on Equality and Justice*. His Political Argument. London.
WILLIANS, B. (1980). Justice as a Virtue. In: OKSENBERG-RORTY, p. 189-199.

V. *Hekousion* e *prohairesis*

ANSCOMBE, G. E. M. (1977). Thought and Action in Aristotle. In: BARNES, SCHOFIELD, SORABJI, p. 61-71.
CHARLES, D. (1984). *Aristotle's Philosophy of Action*. New York.
DIHLE, A. (1985). *Die vorstellung vom Willen in der Antike*. Göttingen.
GANTER, M. (1974). *Mittel und Ziel in der praktischen Philosophie des Aristoteles*. Freiburg/München.
HONDERICH, T. (1969). *Punishement*. The Suppsed Justifications. Harmondsworth.
HOSPERS, J. (1978). Die Reichweite menschlicher Freiheit. In: POTHAST, U. (ed.). *Seminar*: *Freies Handeln und Determinismus*. Frankfurt a.M., p. 93-114.
JEDAN, Ch. (2000). *Willensfreiheit bei Aristoteles?* Göttingen.
KENNY, A. (1979). *Aristotle's Theory of the Will*. London.
_____. (1975). *Will, Freedom and Power*. Oxford.
KUHN, H. (1960). Der Begriff der Proairesis in der Nikomachischen Ethik. In: *Die Gegenwart der Griechen im Neuren Denken*, Festschrift für Gadamer. Tübingen, p. 123-140.
LOENING, R. (1903). *Die Zurechnungslehre des Aristoteles*. Jena.
MÜLLER, A. W. (1982). *Praktisches Folgern und Selbstgestaltung nach Aristoteles*. Freiburg/München.
POSTHAST, U. (1980). *Die Unzulänglichkeit der Freiheitsbeweise*. Frankfurt a.M.
RAPP, Ch. (1995). Freiwilligkeit, Entscheidung und Verantwortlichkeit. In: HÖFFE, p. 109-133.
RICKERT, G. A. (1989). *Hekon and akon in Early Greek Thought*. Atlanta.
SAUVÉ MEYER, S. (1993). *Aristotle on Moral Responsibility*: Character and Cause. Oxford.
SCHMIDHÄUSER, E. ([2]1971). *Vom Sinn der Strafe*. Göttingen.
SCHUELER, G. F. (1995). *Desire*. Its Role in Practical Reason and the Explanation of Action. London.
TUGENDHAT, E. (1992). Der Begriff der Willensfreiheit. In: _____. *Philosophische Aufsätze*. Frankfurt a.M., p. 344-351.
TUOZZO, Th. M. (1991). Aristotelian Deliberation is not of Ends. In: ANTON, PREUS, p. 193-212.

WIGGINS, D. (1980). Deliberation and Practical Reason. In: OKSENBERT-RORTY, p. 221-240.

VI. *Phronesis*

ALLAN, D. J. (1977). Aristotle's Account of the Origin of Moral Principles. In: BARNES, SCHOFIELD, SORABJI, p. 72-78.
AUBENQUE, P. (1962). *La prudence chez Aristote*. Paris.
EBERT, Th. (1995). Phronesis — Anmerkungen zu einem Begriff der aristotelischen Ethik (Vi 6 e 8-13). In: HÖFFE, p. 165-185.
ENGBERG-PEDERSEN, T. (1983). *Aristotle's Theory of Moral Insight*. Oxford.
FLASHAR, H. (1985). Beobachtungen und überlegungen zum VI. Buch der Nikomachischen Ethik des Aristoteles. In: WIESNER, J. (ed.). *Aristoteles, Werk und Wirkung*. Berlin, v. 1, p. 367-375.
MONAN, J. D. (1968). *Moral Knowledge and its Methodology in Aristotle*. Oxford.
MÜLLER, A.W. (1982). *Praktisches Folgern und Selbstgestaltung nach Aristoteles*. Freiburg/München.

VII. Falta de domínio (*akrasia*)

AUSTIN, J. L. (1961). A Plea for Excuses. In: *Philosophical Papers*, p. 123-152.
DAVIDSON, D. (1980). How is Weakness of the Will Possible. In: _____. *Actions and Events*. Oxford, p. 21-42.
GOSLING, J. (1990). *Weakness of the Will*. London.
GOSLING, J. C. B. (1993). Mad, Drunk, or Asleep? — Aristotle's Akratic. *Phronesis* 38, 98-104.
GOULD, C. S. (1994). A Puzzle about the Possibility of Aristotelian enkrateia. *Phronesis* 39, 174-186.
KENNY, A. (1996). The Practical Syllogism and Incontinence. *Phronesis* 11, 163-184.
ROBINSON, R. (1995). Aristotle on akrasia (VII 1-11). In: HÖFFE, p. 187-206.
SANTAS, G. (1969). Aristotle on Practical Inference, the Explanation of Action, and Akrasia. *Phronesis* 14, 162-189.
SPITZLEY, Th. (1992). *Handeln wider besseres Wissen*. Berlin.
VIGO, A. G. (1996). *Zeit und Praxis bei Aristoteles*. Freiburg/München.
WIGGINS, D. (1980). Weakness of Will, Commensurability and the Objects of Deliberation and Desire. In: OKSERBERG-RORTY, p. 241-265.
WILKERSON, T. E. (1994). Akrasis, *Ratio* 7, 164-182.
WOLF, U. (1999b). Zum Problem der Willenschwäche. In: GOESEPATH, ST. (ed.). *Motive, Gründe, Zwecke*. Theorien praktischer Rationalität. Frankfurt a.M., p. 232-245.
WOODS, M. (1990). Aristotle on akrasia. In: *Studi sull'etica di Aristotele*. A cura di A. Alberti. Napoli, p. 227-262.

VIII. Os tratados sobre o prazer

ACKRILL, J. L. (1965). Aristotle's Distinction between *Energeia* and *Kinesis*. In: BAMBROUGH, p. 121-141.

ANNAS, J. (1980) Aristotle on Pleasure and Goodness. In: OKSENBERG-RORTY, p. 285-299.
BOSTOCK, D. (1988). Pleasure and Activity in Aristotle's Ethics, *Phronesis* 33, 251-299.
FREDE, D. (1997). *Platon, Philebos, Übersutzung und Kommentar*. Göttingen.
GONZALEZ, F. J. (1991). Aristotle on Pleasure and Perfection. *Phronesis* 36, 141-159.
GOSLING, J. (1973-1974). More Aristotelian Pleasures. *Proceedings of the Aristotelian Society* 74, 15-34.
GOSLING, J. C. B., TAYLOR, C. C. W. (1982). *The Greeks on Pleasure*. Oxford.
LISKE, M.-Th. (1991). *Kinesis* und *Energeia* bei Aristoteles. *Phronesis* 36, 161-178.
OWEN, G. E. L., TAYLOR, C. C. W. (1971-1972). Aristotelian Pleasures. *Proceedings of the Aristotelian Society* 72, 135-152.
RICKEN, F. (1976). *Der Lustbegriff in der Nikomachischen Ethik des Aristoteles*. Göttingen.
_____. (1995). Wert und Wesen der Lust (VII 12-15 und X 1-5). In: HÖFFE, p. 207-228.
URMSON, J. O. (1968). Aristotle on Pleasure. In: MORAVCSIK, p. 323-333.
WOLF, U. (1984). *Das Problem des moralischen Sollen*. Berlin.

IX. Amizade

ANNAS, J. (1977). Plato and Aristotle on Fiendship and Altruism. *Mind* 86, 532-554.
COOPER, J. (1980). Aristotle on Friendship. In: OKSENBERG-RORTY, p. 301-340.
_____. (1999). Political Animals and Civic Friendship. In: _____. *Reason and Emotional*. Essays on Ancient Moral Psychology and Ethical Theory. Princeton, p. 356-377.
PAKALUK, M. (1998). *Aristotle, Nicomachean Ethics Books VII and IX*. Oxford.
PRICE, A. W. (1989). *Love and Friendship in Plato and Aristotle*. Oxford.
PRICE, A. (1995). Friendship (VIII und IX). In: HÖFFE, p. 239-251.
RICKEN, F. (2004). *Gemeinschaft, Tugend, Glück*. Platon und Aristoteles über das gute Leben. Stuttgart.
SCHULZ, P. (2000). *Freundschaft und Selbsliebe bei Platon und Aristoteles*. Freiburg/München.
STERN-GILLET, S. (1995). *Aristotle's Philosophy of Friendschip*. Albany (N.Y.).
VOGT, K. (2001). Freundschaft, Unparteilichkeit und Feindschaft. *Deutsche Zeitschrift für Philosophie* 49, 517-532.

X. Os dois tipos de *eudaimonia*

COOPER, J. M. (1987). Contemplation and Happiness: A Reconsideration. *Synthese* 72, 187-216.
FREDE, M., CHARLES, D. (ed.) (2000). *Aristotle's "Metaphysics" Lambda*. Oxford.
KEYT, D. (1978). Intellectualism in Aristotle. *Paideia* 7, 138-157.
KULLMANN, W. (1995). Theoretische und politische Lebensform (X 6-9). In: HÖFFE, p. 253-276.
LAWRENCE, G. (1993). Aristotle and the Ideal Life. *Philosophical Review* 102, 1-34.
WEDIN, M. V. (1993). Tracking Aristotle's *nous*. In: DURRANT, M. *Aristotle's "De Anima" in focus*. London, p. 128-161.
WOLF, U. (1994). *Einleitung zu Aristoteles, Metaphysik*. Reinbek.

Que tal continuar a leitura?

Adquira já o seu exemplar!